

Funai enfrenta problemas para mudar sua estrutura

Fundação encontra resistência, principalmente, dos xavantes, que defendem o paternalismo



BANCO DE DADOS/DC

MUDANÇAS: Apesar de não ser um assunto tratado abertamente, substituição de servidores índios deverá ser feita aos poucos. Muitos não são mais elo governo-comunidades

Lauro Rutkowski
BRASÍLIA

A Fundação Nacional do Índio seguiu durante muito tempo a política do "é dando que se recebe" junto às comunidades indígenas e hoje está pagando caro por isso. Depois de serem "conquistados" com automóveis, passagens de ônibus, hospedagens em hotéis e empregos públicos, os índios se acostumaram ao clientelismo patrocinado por governos civis e militares e hoje lideram a resistência contra a reforma da Funai. O poder dos índios é grande: eles representam 30% do quadro de pessoal da fundação, têm influência junto às comunidades indígenas e se aliaram aos servidores brancos para minar as idéias de remanejamento de funcionários e extinção de departamentos.

Apesar de não se falar abertamente, a substituição de muitos servidores índios deverá ser realizada aos poucos, pois muitos deles deixaram de ser o melhor elo de comunicação entre o governo e suas comunidades.

Sempre que o presidente da Funai, Júlio Gaiger, fala em reforma administrativa, aparecem índios - geralmente xavantes - para mostrar de forma violenta seu descontentamento. Não querem perder o emprego. No ano passado, Gaiger quase foi seqüestrado por um grupo de caciques da comunidade xavante, que se deslocou de ônibus de Barra do Garça e Nova Xavantina, no Mato Grosso. A pressão interna e a demora na tramitação da reforma administrativa transformaram a fundação num barril de pólvora.

A maior parte das mudanças de base preconizadas por Gaiger até agora não saiu do papel. O Plano de Demissão Voluntária também não veio. A dispensa de servidores também não aconteceu - apesar de 70% dos servidores da Funai não terem direito à estabilidade. "Vamos primeiro

NÚMEROS DA ENTIDADE

- 3,6 mil funcionários (entre eles 1.049 índios)
- R\$ 60 milhões de orçamento em 1997
- Contato com 215 diferentes etnias, um universo de 326 mil pessoas que falam 170 línguas distintas
- Responsabilidade sobre 11,2% do território brasileiro ocupado por reservas

tentar qualificar o pessoal e remanejá-lo", explica a presidente substituta da Funai, Rosângela Gonçalves de Carvalho.

Algumas mudanças foram colocadas em prática, mas só serviram para irritar ainda mais os índios, especialmente os xavantes - grupo étnico com 7 mil representantes que, apesar de ocupar menos de 200 vagas dentro da Funai, faz um barulho enorme. Moram relativamente perto de Brasília e sempre conseguiram o atendimento das reivindicações revidando à violência do branco. Os caciques estão literalmente em pé de guerra com a Funai com o fim da ajuda de custo aos índios que se deslocavam das reservas do Mato Grosso para Brasília. Sempre que visitavam a capital, recebiam R\$ 30,00 de "verba de representação" por dia, mais dinheiro para hospedagem em pequenas pensões. Alguns passavam dias na capital, sentados em frente ao prédio da Funai, vagando pelas ruas ou encerrados horas a fio em cinemas pornôs.

Geralmente os xavantes procuravam a Funai para reclamar que um dos 50 veículos que foram entregues à comunidade ao longo das duas últimas décadas estava com defeito. Um dos líderes mais assíduos nos movimentos de reivindicação é o cacique Celestino Xavante. "O presidente da Funai é o pai dos índios e tem que cuidar

deles", repete Celestino sempre que entra no gabinete de Júlio Gaiger. "Tem que ajudar o índio, fazer tudo que o índio quer, porque o índio é o dono da Funai", diz.

A presidente substituta da Funai reconhece que o fisiologismo dos índios não é típico da sociedade xavante. "Os índios não têm culpa de pensar assim, porque foram os brancos que os ensinaram a agir desta forma", diz Rosângela. A tática dos antigos governos de "comprar" a simpatia dos índios com miçangas, automóveis e empregos acabou prejudicando a política interna das tribos. Em muitas delas, os servidores índios dos postos da Funai são mais respeitados que caciques e pajés, pois exibem símbolos de "brancura".

PADRÃO - Relógio, rádio de pilha, automóvel (mesmo que seja o da Funai), roupas, óculos escuros e televisão são sinônimos de status. "A Funai foi usada para transformar os índios em branco, ofereceu padrões errados, não respeitou a cultura deles e hoje não é capaz de oferecer um novo modelo", lamenta a presidente substituta da fundação. De acordo com ela, a forma mais eficiente de atender o índio seria torná-lo menos dependente do branco. "Temos que mostrar ao índio que ele pode sobreviver longe do branco, produzindo artesanato, plantando, explorando madeira de forma racional", exemplifica.

O problema é que a qualificação dos índios exige a qualificação dos servidores da Funai e um trabalho de parceria com outros órgãos, como o Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e Fundação Nacional de Saúde. Atualmente, apenas 13% dos 3,6 mil funcionários da Funai têm curso superior. As parcerias são limitadas porque dentro do governo ainda vigora a idéia de que índio é assunto exclusivo da Funai.